

Fernando Pessoa

Aos argumentos de Zenão de Eléa os seus contraditores opuseram...

Aos argumentos de Zenão de Eléa os seus contraditores opuseram só três ordens de razões, todas elas falsas:

1) Os que, como o *solvitur ambulando* atribuído a Diógenes o Cínico, respondem afirmando o facto aparente, o que Zenão não negou como aparente, senão como real; o que é como se eu, afirmando que «vi» o objecto de uma alucinação minha — o que é indubitável, visto que é uma alucinação minha — julgam provar com isso a sua *realidade*.

2) Os que explicam a sofística de Zenão como inevitável dado que se toma o espaço, ou o movimento, ou ambos, por «realidades». Tal argumento não o é; é concordar com Zenão. Ele mais não afirma que, se forem tidos o espaço e o movimento como reais, se mostrarão, como tais, absurdos, isto é, se mostrarão irreais.

3) Os que, considerando o movimento nem como coisa nem como simples conceito, o consideram todavia como *relativamente* coisa, como função de um corpo, por assim dizer... Nada importa esta hipótese ao argumento de Zenão. Negado o movimento como função do ser, queda pensada [?], por exclusão da única hipótese contra, a «imobilidade» como função dele. E é isso que constitui um dos pontos essenciais da metafísica dos Eleates.

O essencial, na ideia de movimento, é o conceito de *posição*. Se consideramos a posição de um corpo como um facto estranho a ele, não poderemos responder a nenhum dos argumentos dos Eleates. Desta forma, porém, considerando a posição de um corpo, isto é, o lugar, a porção de espaço, que ocupa (relativamente a outros corpos) *como um atributo do próprio corpo*, como um elemento diferente da sua própria essência, teremos, ao mesmo tempo, respondido aos argumentos de Zenão e aberto uma porta nova ao problema. Porque assim o corpo que se move *vai deixando de ser, por mover-se, o mesmo corpo*, visto que vai

mudando de posição, e a posição é, por hipótese, um atributo, ou generalidade definidora ou delimitadora do próprio corpo. Nada se «move»: *tudo muda*.

Chegamos, assim, ao conceito da posição *como quarta dimensão*.

(A posição é o estado temporal de um corpo?)

Durar é deslocar-se. Nada pode durar ficando no mesmo sítio. Assim o tempo é, não uma quarta dimensão do espaço, senão a condição dessa quarta dimensão. Dizendo de outro modo: *a posição, sendo a quarta dimensão de um corpo no espaço é a sua segunda dimensão no tempo*. (?)

O tempo não é uma condição do espaço, senão uma condição do conhecimento — e por isso do conhecimento do espaço.

O que espacialmente é mudança de posição é temporalmente mudança de ser. (?)

O movimento é o nome que damos ao facto de um corpo deixar de ser o que é essa coisa das duas dimensões, que é a posição. — Mas nas outras, permanece o mesmo?

Há corpos simultâneos? Se os há, como o são? O tempo é dimensão de cada corpo? Que quantidade de tempo?

O tempo é sinónimo, ou não, de simples existência?

Se o tempo fosse uma *dimensão* não haveria corpos simultâneos.

É só «instantaneamente», ou, antes extra-temporalmente que qualquer corpo existe. O tempo 'faz» com que seja outro corpo. *O tempo é uma antidimensão*. Toda a linha recta é portanto recta *logo que não «dure»*.

Tudo quanto é expresso em termos de tempo, é expresso em termos de aquilo, em termos do que nada pode ser expresso.

Serão o tempo e o espaço *coordenadas*? (O destino de cada ser determinável

por elas). (A astrologia explicável como esta coordenação?) A metafísica é uma geometria, ou supergeometria, a três coordenadas — tempo, espaço e ser (consciência)?

(«Zenão de Eleia, e o Problema do movimento»).

A esfera como infinita, ou centros como infinitos. Mas o raio da esfera?

s. d.

Textos Filosóficos . Vol. I. Fernando Pessoa. (Estabelecidos e prefaciados por António de Pina Coelho.) Lisboa: Ática, 1968 (imp. 1993): 80.